

Fernando Molica

Bolsonaro apenas cumpriu o que prometera

Recorro a um samba de Moacyr Luz para questionar quem nega a participação de Jair Bolsonaro na trama golpista: estranhou o quê? Em sua carreira, ele defendeu ditaduras, fechamento do Congresso, golpes de Estado e assassinato de presidente da República — no caso, Fernando Henrique Cardoso.

Até pessoas que detestam Bolsonaro são obrigadas a admitir que ele, entre nós, foi o presidente mais parecido com o candidato. Chegou ao ponto de decepcionar bolsonaristas envergonhados que, em 2018, diziam, para justificar seu voto, que, no Planalto, o ex-capitão seria contido, teria mais juízo. Foi talvez o único caso na história em que eleitores torciam para que seu candidato não cumprisse suas promessas.

As articulações reveladas pela Polícia Federal e transformadas em denúncia pela Procuradoria-Geral da República mostram que Bolsonaro tentou cumprir a risca o que se comprometera a fazer, inclusive dar um golpe de Estado.

Em 1999, em entrevista à TV Bandeirantes, o apresentador perguntou ao então deputado federal: “Se você fosse, hoje, o presidente da República, você fecharia o Congresso Nacional?”

A resposta foi direta: “Não há a menor dúvida, daria golpe no mesmo dia. Não funciona! Tenho certeza que pelo menos 90% da população ia fazer festa e bater palma. O Congresso hoje em dia não serve pra nada, xará. Só vota o que o presidente quer. Se ele é a pessoa que decide, que manda, que tripudia em cima do Congresso, então dê logo o golpe, parte logo pra ditadura.”

Alguns bolsonaristas mais radicais poderão até reclamar da demora do então presidente de cumprir a promessa golpista — mas governos são assim mesmo, tendem a enrolar, alegar dificuldades, falta de orçamento e, no caso, ausência de parceiros mais decisivos.

De acordo com a denúncia do procurador-geral, Paulo Gonet, Bolsonaro tratou de preparar o terreno para o golpe ainda em

2021, quando as pesquisas começaram a refletir o favoritismo de Lula (PT). O ex-capitão, então, começou a bater tambor para a mentira de falhas na urna eletrônica, mais uma de suas fake news.

Não conseguiu emplacar o voto impresso nem mesmo num Congresso Nacional alimentado pela concessão de generosas emendas parlamentares: é bem provável que suas excelências tenham lembrado que, em caso de golpe, perderiam o emprego assim que o Parlamento fosse fechado. Deputados e senadores certamente não haviam esquecido que estavam incluídos na promessa feita na tal entrevista de 1999.

Segundo a PGR, Bolsonaro aprovou a parte do plano golpista que previa o assassinato de Lula, de Geraldo Alckmin e do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. De novo: estranhou o quê? Olha só o que o agora denunciado afirmou naquela mesma entrevista:

“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada,

absolutamente nada. Você só vai mudar, infelizmente, quando um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30 mil. Começando com FHC, não deixando ir para fora, não. Matando! Se vai morrer alguns inocentes (sic), tudo bem.”

Ao longo de 27 anos como deputado federal, Bolsonaro fez diversas outras declarações semelhantes, contou com a camaradagem de seus colegas parlamentares que não viram nas ameaças sequer uma evidente quebra de decoro parlamentar. O Ministério Público também deixou barato. Talvez muitos tenham duvidado daquele então visto como apenas folclórico integrante do baixo clero.

A leniência acumulada foi decisiva para colocar em risco a democracia e, mesmo, a vida de muitos brasileiros — não apenas daquelas três autoridades. Que, agora, a Justiça não cometa o mesmo erro, ninguém pode estranhar quem sempre foi tão explícito.

Sérgio Nery

O tênis brasileiro de volta aos domingos

Os torcedores brasileiros terão mais uma atração esportiva aos domingos. Além do tradicional futebol e da Fórmula 1, o tênis tem tudo para voltar a programação dos fins de semana. No dia 16 de fevereiro, João Fonseca deixou isso claro ao colocar seu nome na história do esporte do país com a conquista do Aberto da Argentina. Aos 18 anos, o carioca se tornou o mais jovem brasileiro a conquistar um título de nível ATP. Existe uma convenção popular de que o torcedor brasileiro não gosta de esportes. Ele gosta mesmo é de ganhar. No caso de Fonseca, é visível que estamos diante de um atleta completo, com DNA vencedor e com potencial para atender a essa demanda por conquistas.

Pode-se dizer que Fonseca é um verdadeiro “jogador de fim de semana”. Longe de qualquer sentido pejorativo, essa expressão destaca seu desempenho consistente, avançando fase após fase nos torneios. Com sua habilidade e força mental, o brasileiro tem tudo para chegar as grandes decisões que, tradicionalmente, acontecem aos domingos.

Com naturalidade e maturidade incomuns para um atleta tão jovem, Fonseca derrotou na final o argentino Francisco Cerundolo

por dois sets a zero. Enfrentando, além do tenista número 28 do mundo, um ambiente hostil com toda a fanática e barulhenta torcida portenha. Durante a campanha histórica, Fonseca venceu quatro tenistas argentinos, país que tem uma forte cultura de tênis e que está bem à frente do Brasil na modalidade, com diversos atletas entre os Top 100 do ranking mundial. Uma cultura no esporte que o Brasil passa a ter uma nova oportunidade para criar, já que o país não soube aproveitar a “Era Guga”, quando Gustavo Kuerten surgiu repentinamente para dominar o tênis mundial por alguns anos.

O tênis brasileiro vive apenas de talentos isolados, revelados em clubes sociais e escolinhas, como Beatriz Haddad Maia, pois não foi capaz de transformar a realidade desde esporte, com mais investimentos e incentivo aos novos talentos, apesar do boom da modalidade entre o final dos anos 90 e 2010.

Com o título em Buenos Aires, João Fonseca recoloca de vez o Brasil no mapa do tênis masculino, alcançou a 68ª posição entre os melhores tenistas do mundo na atualidade, se tornando o tenista número 1 do Brasil mais jovem de todos os tempos. Mais do que isso,

traz na sua leveza adolescente um sopro de esperança para os amantes desse esporte e uma imensa contribuição para uma maior popularização da modalidade.

Tão forte quanto o forehand (golpe de direita) de Fonseca, apenas a sua personalidade em quadra. Uma postura e atitudes que têm chocado especialistas e deixado os demais jogadores do circuito impressionados. O caminho a partir de agora será ainda mais duro, com os holofotes voltados para o brasileiro. Seu jogo já é analisado com lupa pelos adversários. Entretanto, ele se mostra pronto e sereno para os próximos desafios. Sua reação e discurso após o triunfo atestam que, embora a meta seja o topo do mundo, o garoto do Rio de Janeiro segue com os pés fincados no chão.

O talento único de Fonseca desembarcou na última semana na sua cidade natal, o Rio de Janeiro, para a disputa do Rio Open e o torneio serviu como um choque de realidade. A derrota precoce na primeira rodada para o francês Alexandre Müller deve ser vista como uma oscilação natural para um jogador jovem que acaba de ter um grande resultado e que jogava sob grande expectativa. Nada mais do que isso. Na próxima atualização da lista, que

acontecerá na segunda-feira (24), o brasileiro irá da 68ª para, pelo menos, a 76ª posição, mas segue como tenista número 1 do país.

Que a conquista recente na Argentina sirva como combustível para mais resultados positivos na promissora carreira do carioca e não se torne uma pressão compulsiva por títulos, advinda de uma torcida e opinião pública carentes de ídolos desde a aposentadoria da Gustavo Kuerten, em 2008. Altos e baixos, como vimos no Rio Open, certamente virão, mas a forma como a sua jornada tem sido conduzida por sua equipe até o momento é edificante.

Que a trajetória ascendente siga arrebatando o mundo do tênis e que o Brasil saiba aproveitar o surgimento de um novo ídolo para fortalecer a formação de base da modalidade no país. Com a valorização de seus talentos, uma maior abertura e mais acesso de jovens no esporte, novos tenistas poderão sonhar e realizar, assim como faz João Fonseca.

A partir de agora, os fins de semana dos torcedores brasileiros serão também de tênis. João Fonseca veio para ficar e o encantamento do Brasil e do mundo com o jovem brasileiro pode se tornar uma rotina dominical.

Ricardo Cravo Albin*

Uma lágrima para Cacá Diegues

O Instituto Cravo Albin e seu presidente Ricardo Cravo Albin vertem publicamente uma lágrima pela morte de Carlos Diegues. Ambos nasceram no mesmo ano e ambos são originários de famílias tradicionais alagoanas, já que os Diegues foram liderados pelo grande intelectual de Maceió (AL) Manoel Diegues Júnior (pai de Cacá), enquanto os Cravo Albin foram destacados personagens na tradicional cidade de

Penedo (AL), plantada quase à foz do Rio São Francisco.

Abaixo, a mensagem de Ricardo Cravo Albin

Quando fui empossado na Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme) e no Instituto Nacional de Cinema (INC), indicado pelo Cinema Novo liderado por L.C. Barreto, David Neves segredou-me que Cacá não me procuraria, até pelas convergências alagoanas e intimidade que tínhamos.

- “Que tolice”, retruquei. “Por isso mesmo preciso mais que nunca do Cacá”.

De fato, poucos nos vimos naqueles conturbados anos, embora Cacá sempre me incentivasse com mensagens de apoio transmitidas por David Neves, Noémio Espíndola e Lucy Barreto.

Escrevo aqui lembrando a satisfação de Cacá quando o informei de um minifestival que eu criei sobre ele que exibiu seus filmes em

diversas salas da Europa sob o título geral de “Diegues – Cineasta best-seller do Brasil”. Aliás, pouquíssimo divulgado por aqui.

Transmito meu abraço afetuosamente à Renata Almeida Magalhães, filha de Rafael, amigo querido meu, que acompanhou admiravelmente Cacá nesses últimos anos.

*Presidente do Instituto Cultural Cravo Albin e do Pen Clube do Brasil

EDITORIAL

Como a IA pode ajudar na educação?

A inteligência artificial, mais conhecida como IA, tem revolucionado diversos setores, e a educação é um dos campos onde seu impacto tem sido cada vez mais positivo. Com o avanço da tecnologia, a IA tem proporcionado novas formas de ensino e aprendizado, tornando o processo educacional mais acessível, eficiente e personalizado.

Um dos principais benefícios da IA na educação é a personalização do ensino. Com algoritmos avançados, sistemas de IA podem analisar o desempenho dos alunos e adaptar o conteúdo às suas necessidades individuais. Isso permite que cada estudante aprenda no seu próprio ritmo, reforçando os pontos onde tem mais dificuldade e avançando mais rapidamente nas áreas em que demonstra maior facilidade. Essa abordagem torna o aprendizado mais eficiente e reduz as lacunas no conhecimento.

Outra vantagem significativa da IA na educação é a automação de tarefas administrativas. Professores frequentemente gastam muito tempo corrigindo provas, organizando materiais e gerenciando atividades burocráticas. Com a IA, essas tarefas podem

ser automatizadas, permitindo que os educadores foquem mais no ensino e na interação com os alunos. Ferramentas como correção automática de testes, gestão de notas e organização de calendários acadêmicos aumentam a produtividade e reduzem a carga de trabalho dos professores.

A acessibilidade também é um ponto forte da IA na educação. Alunos com necessidades especiais podem se beneficiar de tecnologias assistivas, como softwares de reconhecimento de voz, leitores de tela e tradutores automáticos. Essas ferramentas ajudam a remover barreiras no aprendizado e garantem que todos tenham oportunidades iguais para desenvolver seu potencial.

Por fim, a inteligência artificial está tornando a educação mais acessível globalmente. Plataformas de ensino online utilizando IA para oferecer cursos personalizados a milhões de alunos ao redor do mundo, democratizando o acesso ao conhecimento. Além disso, a tradução automática de conteúdos permite que materiais educativos estejam disponíveis em diferentes idiomas, ampliando ainda mais o alcance da educação.

A covardia contra o educador

Ser professor, especialmente no Brasil, é um desafio constante para educadores. Seja por questão salarial, falta de respeito ou a desvalorização do trabalho. Todavia, o desrespeito aos professores se mostra cada vez mais presente – e mais preocupante. Um levantamento global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) coloca o Brasil entre os países de índices mais altos do mundo no ranking das agressões contra professores.

Um caso recente no Distrito Federal é um exemplo claro de revolta. Nesta semana, um professor da escola do Centro Educacional Vale do Amanhecer, em Planaltina, foi agredido por três alunos do ensino médio, simplesmente por não ter aceitado que os alunos usassem seus celulares em sala de aula.

O professor acionou a diretora da escola para recolher os celulares. Revoltados, os estudantes de 17 anos seguiram o professor até a parada de ônibus, fora das dependências da escola, e lá ele foi atacado por uma série de so-

cos na cabeça, rosto e pescoço. As agressões cessaram após um motorista de ônibus intervir e os alunos irem embora. O professor registrou um boletim de ocorrência sobre esse caso covarde.

A proibição do uso de celular e dispositivos eletrônicos nas escolas é uma nova regra aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Não é apenas uma escolha do professor, é uma obrigação. E mesmo que fosse uma escolha do docente, nada daria o direito de um aluno desrespeitar o professor, tampouco agredi-lo fisicamente.

O caso é um clássico exemplo de covardia, em todos os sentidos: foram três contra um, o professor tem deficiência visual e foi atacado quando estava desprovenido, os alunos são menores de idade mas não são mais crianças. É um absurdo um caso como este se limitar a chamar os pais dos alunos para informar o caso e os responsáveis ganharem no máximo, uns puxões de orelha. Professores merecem respeito, educadores merecem respeito.

Opinião do leitor

Estrela maior

A rainha da MPB, Maria Bethânia, comemora seis décadas de uma trajetória brilhante na música brasileira! Desde sua estreia nos anos 60, a artista conquistou o país com sua voz marcante, interpretação única e um repertório que passeia pelo samba, pela poesia e pelas raízes da cultura brasileira.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: CARANAVA DA ALIANÇA QUASE SOFRE ATENTADO EM NATAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de fevereiro de 1930 foram: Doumergue convoca o líder radical-socialista Camile Chau-

temps a formar um anova equipe ministerial francesa. Foi preso em San Luis de Potosi, no México, um homem que tinha em mãos uma car-

ta de complô para assassinar o presidente Hoover. Telegrama de João Pessoa salva a caravana da Aliança de um massacre em Natal.

HÁ 75 ANOS: TRABALHISTAS VENCEM NA ELEIÇÕES BRITÂNICAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de fevereiro de 1950 foram: Trabalhistas vencem por pequena margem na Grã-Bre-

tanha e Attlee vai organizar uma nova equipe ministerial. Iugoslávia cada vez mais próxima de fazer o próprio regime socialista e não seuir

o modelo da URSS. Estudantes organizam comício pró-Eduardo Gomes em Copacabana. Dutra inaugura a Festa da Uva em Porto Alegre.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
WhatsApp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.